



O Boi, a Santa e a fé: etnografias visuais do catolicismo em Paritins

The Boi, the Saint and the faith: visual
ethnographies of catholicism in Paritins

El Boi, la Santa y la fe: etnografías visuales del
catolicismo en Paritins

Diego Omar Silveira

Doutorando em Antropologia - Universidade
Estadual do Amazonas

Ericky da Silva Nakanome

Docente em Artes Visuais da Universidade
Federal do Amazonas

Pedro Coelho

Fotógrafo da Associação Cultural Boi-Bumbá
Caprichoso

Apresentação

Parintins, cidade do médio-baixo Amazonas, com pouco mais de 100 mil habitantes, tornou-se conhecida nacionalmente em função do Festival Folclórico que sedia, todos os anos, no último final de semana de junho (RODRIGUES, 2006). Por três noites consecutivas, os Bumbás Caprichoso (azul) e Garantido (vermelho) se enfrentam na arena do Bumbódromo (um teatro de arena com capacidade para 30 mil pessoas) e encenam, além do folclore amazônico, os dramas históricos e atuais dos povos indígenas e populações ribeirinhas. Um espetáculo transmitido ao vivo desde meados dos anos 1990 e que mobiliza tanto as centenas de artistas locais quanto os milhares de turistas e torcedores das agremiações folclóricas (cf. NOGUEIRA, 2008; CAVALCANTI, 2000).

As origens da festa deitam raízes na devoção aos santos juninos (hibridizados muitas das vezes com as entidades das religiões de matriz africana) e nos bois de pano, feitos para pagar promessas. Sob os auspícios clero italiano e da Prelazia, ainda nos anos 1960, a brincadeira de rua (vista pelas elites locais como demasiadamente desregrada) foi transformada em um festival, em que as performances de cada Boi passaram a estar sujeitas a um regulamento previamente acordado e à disputa pelo troféu (BRAGA, 2002). Mas a ligação com a religião – em especial com o catolicismo, que ainda hoje continua hegemônico na ilha (com cerca de 84% da população) – não se perdeu. Ao contrário, tem se renovado, seja pelo tom devocional de muitas toadas (o ritmo local, hoje já amplamente comercializado no mercado fonográfico), pela presença dos agentes institucionais da Igreja nas agremiações ou pelas enormes imagens sacras que surgem durante as apresentações, ratificando a identidade católica da cidade (SILVEIRA e BIANCHEZZI, 2015).

De modo especial, a fé na Virgem do Carmo, padroeira da cidade, sempre encontra um lugar na narrativa dos Bois e incorpora ao enredo um ar de solenidade. Oficialmente, todos os anos os trabalhos dos galpões são abertos com missas e se desdobram, depois do espetáculo, na preparação para a novena, o círio das águas e a procissão no dia da festa de Nossa Senhora, 16 de julho (CORRÊA, 2019). Um calendário marcado pelo pedido de proteção e pelo agradecimento da graça alcançada, de tal modo que é difícil separar a vida cotidiana dos parintinenses das tramas do sagrado e vice-versa (BRANDÃO, 1978).

Este ensaio sintetiza alguns desses momentos no Boi-Bumbá Caprichoso, recuperando as visualidades de um ciclo ritual que faz parte das experiências de milhares de pessoas que vivem de forma imbricada o amor pelo Boi e a fé na santa. Capturadas ao longo dos últimos anos, em especial entre 2015 e 2019, as fotografias estão agrupadas de tal forma que se possa comunicar a solenidade de cada um desses momentos e sua

importância para manter vivas as tradições locais que, em 2018, foram registradas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial brasileiro.

As imagens fazem parte também de um esforço da Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso de produzir uma memória visual tanto nos momentos de preparação do festival, quanto no trabalho dos artistas na festa da santa e das devoções da gente comum. Originalmente, elas não foram concebidas, portanto, como peças de um esforço etnográfico, no sentido mais acadêmico. Isso não quer dizer que estejam isentas de implicações ético-metodológicas marcadas, que estão por um esforço do observador de integrar-se ao próprio objeto de observação, por meio de uma participação continuada nesses eventos, por vários anos seguidos (NOVAES, 2014). Isso garante também uma linha de continuidade entre as fotografias que foram se integrando, também, aos circuitos de pesquisa, intervenção artística e salvaguarda concebidos pelo Conselho de Artes do Boi, passando a compor um banco de imagens sobre as religiões e religiosidades amazônicas. Do ponto de vista mais técnico, vale registrar que as fotografias foram feitas com máquinas Canon T6i, com lentes Yongnuo 75-300mm e Yongnuo Yn 35mm. Correções, quando necessárias, foram feitas utilizando o Adobe Photoshop CS6.



Fotografia 1

Tudo pronto para a missa oficial de abertura dos trabalhos no Curral Zeca Xibelão, onde acontecem os ensaios e a preparação do Boi-Bumbá Caprichoso para o Festival Folclórico de Parintins.). Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021)



Fotografia 2

Um representante dos artistas ergue a imagem da santa ao fim da missa, durante a Ave-Maria e Consagração a Nossa Senhora. A imagem da santa permanece no galpão do Boi ao longo de todo o período de produção das alegorias. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021)



Fotografia 3

A santa paira sobre o conjunto cênico-alegórico do Boi Caprichoso durante apresentação na arena do Bumbódromo (2017). Ao fundo, uma alegoria com a Catedral de Parintins. A escultura de cerca de 25 metros de altura veio alçada por um guindaste. Nas vestes da santa detalhes que a ligam à cultura amazônica. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021)



Fotografia 4

Durante a apresentação surge a Sinhazinha da Fazenda (item obrigatório no espetáculo dos Bumbás e que figura no tradicional auto do boi como a filha do dono da fazenda e proprietário do boi). Em 2017, em sua primeira aparição ela veio travestida de Virgem do Carmo. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



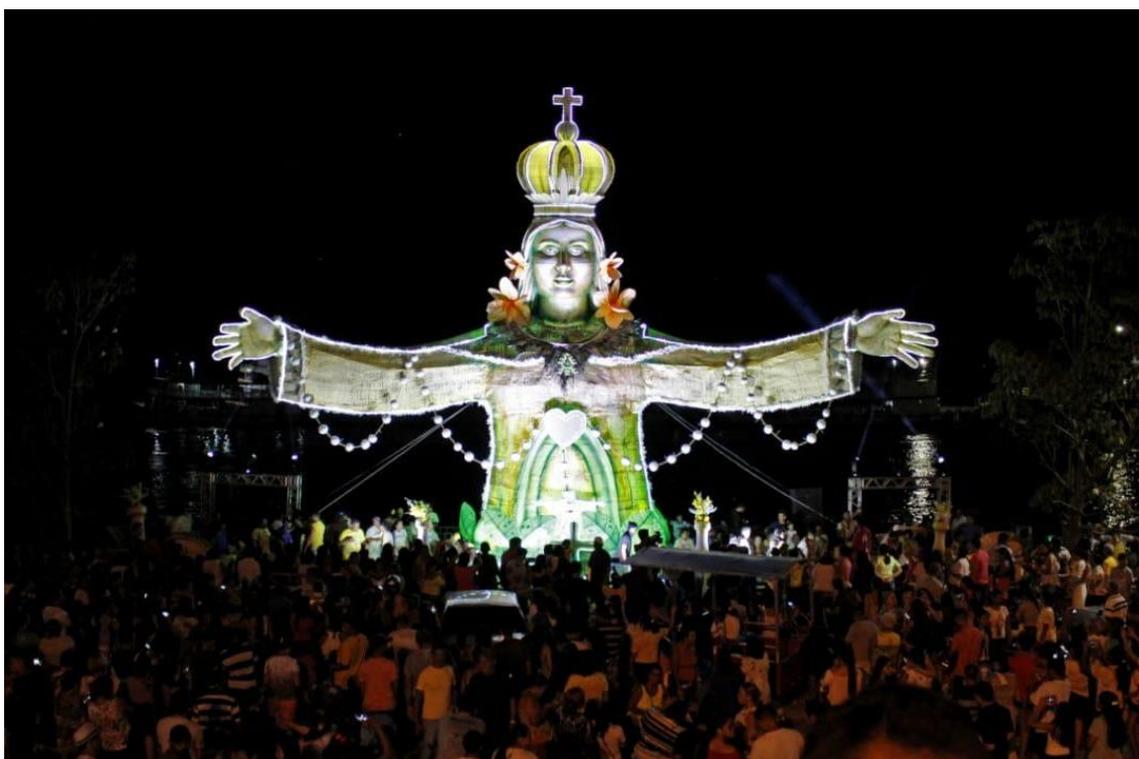
Fotografia 5

Em 2019, a Nossa Senhora foi tomada como emblema das mulheres-mães de Parintins. A santa, com mais de 20 metros de altura compôs uma alegoria cuja narrativa gravitava em torno das lavadeiras do Bairro da Francesa (reduto do boi azul e branco) e veio para a arena ao som da toada “Matriarcas”. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 6

O andor da Santa desembarca no porto da cidade após peregrinação por comunidades do interior e cidades vizinhas. Como Parintins é uma ilha, o retorno se dá pelas águas do Rio Amazonas e marca o início da novena. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 7

No dia 14 de julho ocorre a Romaria das Águas, que mobiliza diversos artistas dos bumbás para a confecção de alegorias e ornamentos. Na foto, a balsa com a imagem iluminada da Santa, durante celebração religiosa no porto da cidade. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 8

Fiéis se preparam para a procissão de encerramento da Festa de Nossa Senhora do Carmo, no dia 16 de julho. Os pagadores de promessas trazem seus ex-votos em sinal de agradecimento pelas graças alcançadas. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 9

Na procissão, que percorre as principais ruas da cidade, os devotos levam suas velas e bandeirolas. Alguns grupos se identificam, como o do Apostolado da Oração. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 10

Na procissão, muitos pés descalços. Símbolos de contrição dos devotos que agradecem as graças alcançadas. Sob seus pés, as poças d'água deixadas pela chuva, muito comum nesse período do ano nessa região da Amazônia. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 11

Durante o percurso começa a escurecer. Aqui, um devoto traz tijolos nos ombros, sinal comumente associado à conquista da casa própria conseguida por meio da intercessão à Nossa Senhora do Carmo. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).



Fotografia 12

Já quase à noite, a mulher que porta vários símbolos religiosos (a fita de zeladora do Sagrado Coração de Jesus, a camiseta com Nossa Senhora estampada e a vela acesa) empurra o marido na cadeira de rodas. A procissão retorna à Catedral a luz das milhares de velas empunhadas pelos homens e mulheres que acompanham a Santa. Foto: Diego Omar Silveira, Ericky da Silva Nakanome, Pedro Coelho (03/2021).

Referências

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os Bois-Bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: FUNARTE; Manaus: Museu Amazônico: Valer, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro: FUNARTE, 1978.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: Breve história e etnografia da festa. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, vol. VI (suplemento), set. de 2000. pp. 1019-1046.

CORRÊA, Rosimay. *Flor do Carmelo: o céu e os inferninhos na festa da padroeira de Parintins, no Amazonas*. Tese (doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2019.

NOGUEIRA, Wilson. *Festas Amazônicas*. Manaus: Valer, 2008.

NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. In: *Cadernos de Arte e Antropologia*. Salvador: UFBA, v. 3, n.2, 2014. pp. 57-67.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. *Boi-Bumbá: Evolução – Livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins*. Manaus: Valer, 2006.

SILVEIRA, Diego Omar da; BIANCHEMEZZI, Clarice. Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia. In: BIANCHEMEZZI, Clarice (et. al.) (org.). *Pensar, fazer e ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015. pp. 183-204.

Recebido em 7 de março de 2021

Aceito em 29 de março de 2021